



Agora eu era o herói: imaginação e expressão artística na primeira infância

Now I was the hero: Imagination and artistic expression in early childhood

Ana Angélica Albano¹
Faculdade de Educação Unicamp

Resumo

Através de memórias, experiências como e com professores de arte e observações coletadas ao longo de 20 anos supervisionando estágios no curso de graduação em artes visuais da Unicamp, reflito sobre a potência das atividades com linguagem visual na educação infantil. Dialogo com poetas e artistas, procurando imagens que enfatizem a importância de incentivarmos a imaginação e a expressão artística na primeira infância.

Palavras-chave: imaginação, educação infantil, linguagem visual, memória.

Abstract

Through memories, experiences as and with art teachers, and observations collected over 20 years supervising internships undergraduate course in visual arts at Unicamp, I reflect on the power of activities with visual language in early childhood education. I dialogue with poets and artists, seeking images that emphasize the importance of encouraging imagination and artistic expression in early childhood.

Keywords: imagination, early childhood education, visual language, memoir.

Enviado em: 01/06/18 - Aprovado em: 17/07/18

“Isto porque a gente foi criada em lugar onde não tinha brinquedo.
Isto porque a gente tinha que fabricar os nossos brinquedos:
eram boizinhos de osso, bolas de meia, automóveis de lata.
Também a gente fazia de conta que sapo é boi de cela
e viajava de sapo.
Outra era ouvir nas conchas a origem do mundo”
(Manoel de Barros)

Memórias da infância

O primeiro ateliê

A fazenda Tabarana, do vovô Raul, foi meu primeiro ateliê, embora ainda nem soubesse o que significava essa palavra. Um ateliê enorme, sem limites.

O pomar era o “almoxarifado” do ateliê, sempre repleto de materiais disponíveis para nossas criações. Frutas ainda verdes transformavam-se em animais, que habitavam pequenos currais construídos com gravetos; longas estradas eram abertas na terra com sobras de madeira, que recolhíamos na serraria, ao lado do terreiro de café. Os retalhos de madeira eram, também, os carros e caminhões que transportavam inúmeros objetos e personagens minúsculos, visíveis apenas na nossa imaginação; as árvores serviam de abrigo e esconderijo ou como desafio: *quem consegue subir mais alto?* Uma infinidade de brincadeiras reuniam os primos de diferentes idades, sem nenhuma interferência dos adultos, nem horário marcado para acontecer.

Ao lado das brincadeiras coletivas, vivia meus devaneios secretos: *A romã é com certeza uma fruta de princesa, com todos esses rubis dentro!* Não me lembro de ter partilhado essa certeza com ninguém, tímida que era, a mais nova entre tantos primos mais sabidos. Guardava o maravilhamento diante das sementes cobertas de vermelho transparente e liso em segredo. A romã é uma fruta que ainda hoje desfruto mais com o olhar do que com o paladar.

Fonte inesgotável de experiências sensoriais, a fazenda era pródiga em cores, texturas, aromas e sabores. Havia tempo para cada experiência, marcadas pelo ritmo das colheitas: as goiabas maduras, que comíamos sentados nos galhos das próprias goiabeiras, eram, também, transformadas em doce, cozidas, lentamente, em enormes tachos de cobre. Ah! o cheiro da goiabada sendo preparada e a visão das mulheres da família em volta do fogo alimentado com lenha. O rosa claro das frutas transformando-se, pelo contato com o fogo, em massa vermelha, que depois de chegar no “ponto certo”, era despejada em caixinhas de madeira, fabricadas na própria fazenda. Acompanhar as frutas sendo transformadas em doces, as embalagens de madeira sendo construídas, impregnou minha infância com a noção de manufatura: as coisas são fabricadas, acontecem dentro de um processo. Nascem de uma necessidade e são gestados durante um acontecimento, que envolve muitas pessoas trabalhando juntas.

O café era colhido, deixado para secar ao sol no terreiro, e depois torrado diante de nossos olhos em um estranho aparato - uma “bola de ferro” com uma manivela -, que girava, constantemente, suspensa sobre uma pequena fogueira plantada no chão de terra... Depois de torrado, o café era moído na cozinha e o pó guardado em latas nas prateleiras. A cada mudança de estado - verde, seco, torrado, moído, coado - o cheiro do café mudava. Tudo muito diferente do produto comprado, hoje, em uma embalagem fechada em um supermercado. Aliás, os supermercados, nem existiam. Os armazéns e as quitandas dispunham seus produtos a granel em sacos e seus aromas povoavam o espaço.

Novamente, a memória dos cheiros vem à tona. Produtos embalados não cheiram. Supermercados são inodoros.

As experiências sensoriais, com as cores, os aromas, sabores, texturas povoaram a minha imaginação, foram matéria prima para meus desenhos, minhas histórias, minha estética pessoal, que impregnou, mais tarde, minha concepção de infância e de experiência estética.

Éramos muitas crianças convivendo no grande ateliê-pomar, primos de todas as idades, que iam do Rio de Janeiro, de São Paulo, de São Miguel Paulista, de Monte Alto, de Santos, passar as férias com vovô Raul e vovó Naninha, em Monte Alto, interior de São Paulo. Partilhávamos muitas experiências, mas cada um deve ter selecionado na memória uma lembrança diferente, sua marca particular de ver e estar no mundo.

Procurei na família fotografias das férias na Fazenda, mas encontrei poucas. As câmeras fotográficas não eram populares naquela época, um fotógrafo vinha da cidade, em ocasiões especiais, para retratar a família, mas nunca fotografou “nosso” ateliê. Como ninguém sabia da sua existência, ninguém se importava em fotografar nossas atividades, tampouco as nossas “obras”. As imagens da fazenda, no entanto, continuam vivas na memória e todos os primos tem alguma história para contar, embora as datas sejam imprecisas e contraditórias nos diferentes relatos.

As férias na fazenda não duraram toda minha infância. Terminaram, quando eu tinha pouco mais de 6 anos de idade. Duraram o tempo que, hoje, destinamos à escola de educação infantil.

Curiosamente, são memórias ainda muito presentes e mais vívidas do que as dos 2 anos que passei no “jardim da infância”. Do primeiro ano na escola lembro-me das mesinhas quadradas que partilhava com mais três colegas e do dia que desenhemos com tinta guache, ao invés de usarmos os lápis de cor. Recordo-me da sensação de desconforto por não conseguir dominar o pincel com a mesma habilidade que controlava os lápis. Porém, como a pintura com tinta nunca mais aconteceu, tampouco aconteceu o domínio do pincel. Enquanto no “ateliê” da fazenda a oferta de materiais era proporcional à nossa capacidade de imaginar, na escola estávamos limitados aos lápis de cor...

Minhas memórias dos primeiros anos de escola tem certa semelhança com as de minha amiga dinamarquesa Anna Marie Holm, apesar das diferenças entre nossas culturas:

No meu tempo de escola, os materiais disponíveis se resumiam a um pequeno estojo com lápis e um pequeno estojo de giz colorido duro. O giz ia gradualmente se reduzindo a um monte de tocos, que eram colocados numa caixa de sapato. Vou contar uma coisa: uma vez, durante uma dessas aulas de desenho, no final da quarta aula, eu me sentei com a caixa de sapato e peguei alguns daqueles tocos de giz que eram um pouco mais grossos que os outros. Eram encantadores, e acho que foi naquele momento que descobri que eu podia fazer algo com formas e cores. Foi como se todas as paredes se abrissem. Os tocos de giz macios; nenhuma resistência no papel, que tinha ficado amarelo, as cores eram intensas, fortes e podiam colorir em camadas, em formas orgânicas. Lembro-me de que fiquei completamente absorta. Então, apareceu a professora de desenho e viu o que eu estava fazendo. Os grossos tocos de giz colorido foram arrancados de mim. “Deve ser um engano”, disse a professora, “como é que vieram parar aqui?”. Fim da aventura. “(...) Eu acredito que muitas das experiências das crianças seriam muito melhores se os professores, em vez de gastarem tanta energia vigiando-as, procurassem, eles mesmos, testar as cores e usufruir o prazer advindo da experiência” (HOLM, 2005, p. 10).

De quintais e outros espaços da imaginação

“Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade.
A gente só descobre isso depois de grande.
A gente descobre que o tamanho das coisas
há de ser medido pela intimidade que temos com as coisas.
Há de ser como acontece com o amor.
Assim as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do
que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade”.
(Manoel de Barros)

Interessante notar que as lembranças da fazenda sejam mais nítidas do que as da escola. Isso já havia percebido, também, nos exercícios de memória, que sempre proponho aos meus jovens alunos da licenciatura nos primeiros dias de aula de estágio supervisionado na Faculdade de Educação da Unicamp. Os quintais e os pátios são territórios privilegiados nas suas recordações da infância e, embora distantes no tempo e na geografia, coincidem com as de Anna Marie:

Lembro-me que, na minha infância, estávamos sempre construindo alguma coisa: a cabana de junco no riacho; num canto do grande quintal de areia criamos um mundo de estradas, alojamentos, plantações, tudo em miniatura. Éramos arquitetos e artistas de arte rural incipiente (HOLM, 2005, p. 11).

Por que estas imagens nos acompanham e nos invadem de uma doce nostalgia? Justo pelo motivo da intimidade, diria Manoel de Barros. É a intimidade com as pedrinhas, com as

frutas verdes que se transformam em bichos, com os caminhos inscritos na terra, que tornam essas imagens inesquecíveis. Nascem da necessidade infantil de dialogar com as coisas do mundo real e da imaginação, quando o acerto e o erro não fazem parte da brincadeira. Pertencem ao mundo de todas as possibilidades, onde a diferença não significa exclusão, mas uma outra forma de inventar.

Por que as lembranças da escola tem menos persistência? Ou quando se infiltram na memória aparecem com sinal negativo, como aquele desenho da “banana verde” que a professora considerava uma cor errada, como os tocos de giz *mais grossos e mais macios* arrancados pela professora ou como a precoce consciência da incompetência no domínio do pincel?

Qual é o espaço para gesto que revela a imaginação e marca a diferença na escola? Parece-me que quase não existe este espaço, porque a escola continua preocupada com a normatização, acreditando que sua missão é, prioritariamente, tornar a criança um ser social, parte da coletividade. Esquece que não existe coletivo sem indivíduo. Coletividade sem o respeito à contribuição de cada indivíduo não é coletivo, é massa. E massa se manobra. Infelizmente, apesar de a História estar sempre nos demonstrando o que acontece quando são suprimidas as diferenças individuais, a escola continua prezando a homogeneidade. Todos os fundamentalismos, políticos e/ou religiosos, não foram alertas suficientes para alterarmos o curso dos currículos escolares em direção à uniformidade.

O ateliê de arte na escola, que deveria ser o território privilegiado da expressão criativa, do respeito à individualidade, da construção da identidade dentro da diversidade, fecha suas portas para a imaginação, direcionando o foco para resultados previsíveis. Todos os papéis são sempre do mesmo tamanho, do mesmo formato, da mesma cor. Os temas são os mesmos para todos, sem distinção. Mas os desejos das crianças não cabem, necessariamente, no mesmo tamanho do papel A4, nem podem ser expressos com as mesmas cores. Parece-me que os professores ignoram que a arte pertence, essencialmente, ao campo do desconhecido, da imaginação, do sonho, onde todas as diferenças se manifestam. Não há sonho igual a outro, nem da mesma cor e tamanho.

Quando solicitados a trazerem para a classe os objetos mais queridos da sua infância, não é incomum encontrar, entre os estudantes de licenciatura em artes visuais, os cadernos de desenhos. Eu também guardo os meus e gosto de observá-los com a distância da maturidade. O que aqueles desenhos me contam da menina que fui com 5 anos de idade? Foi com surpresa que recebi o caderno de um aluno que continha apenas desenhos mimeografados, todos muito bem coloridos, com elogios da professora. A mãe havia

conservado o caderno, motivo de orgulho da família. Quando perguntei pelos desenhos dele, espantado respondeu que estavam todos ali. Nunca havia percebido que aqueles desenhos não eram seus, apenas o colorido. Ficamos sem conhecer o que sua imaginação de criança sonhara...

O desenho livre e o desenho abandonado

“É na diferença sensível, existente entre eu e o outro,
que se afirma a identidade”.
(João Franze-Pereira)

Parece-me, depois de 20 anos supervisionando estágios, que as atividades com as linguagens artísticas, como vem sendo praticadas na maioria das escolas, não mudaram muito desde minha experiência frustrada com os pincéis no jardim da infância. Muitas atividades são orientadas para a cópia de artistas reconhecidos, não seguem uma sequência coerente que permita o domínio sobre os materiais expressivos e os desenhos para colorir, mimeografados ou xerocados, ainda são presença constante na educação infantil.

O desenho livre, quando acontece, é proposto apenas para preencher um tempo ocioso, sem a atenção ao discurso que está sendo articulado naquela folha de papel em branco: um desenho abandonado. Um discurso sendo enunciado sem um interlocutor para o diálogo. Seria importante fazer uma distinção clara entre liberdade de expressão que se manifesta no desenho livre, e o desenho abandonado.

Desenho livre é o desenho do desejo da criança, acolhido e acompanhado pelo professor, que vai ajudá-la, se necessário, a dar o próximo passo, conquistando domínio e fluência, seja com o lápis, seja com o pincel. O professor precisa estar atento e presente à diferença que se instala a partir do gesto da criança no papel ou em outro material que esteja sendo utilizado. Porque o desenho se faz no papel, mas também no chão, na parede, na areia... O que importa é acolher o que a criança quer dizer e abrir oportunidades para experiências inusitadas com a linguagem. Respeitá-la e incentivá-la a criar sua marca pessoal, possibilitando que identifique e seja identificada pela sua diferença.

O desenho livre, assim compreendido, seria, portanto, o momento privilegiado para o professor reconhecer cada criança como um outro, com desejo próprio, isto é, com uma marca única manifesta através do seu traço.

Acredito, realmente, que as atividades com linguagens artísticas são o meio privilegiado de reconhecimento da própria identidade e de abertura para o outro. Recordo-me, ainda hoje, da frase que ouvi de uma criança, no início da minha carreira docente, quando trabalhava com crianças bem pequenas. A cena que minha memória gravou, aconteceu entre duas crianças de 4, 5 anos, trabalhando no meu ateliê. O menino, que devia ter uns 5 anos de idade, olhou o desenho da colega e disse: *"Eu acho que o que você está fazendo é horrível, mas gosto é gosto, e você pode estar achando lindo!"*

Quando eu ouvi isto, tinha mais ou menos 20 anos e nunca esqueci. Porque esta criança, de uma forma bem direta e simples, disse o que discutimos com tantas palavras e tantas teorias: o outro é diferente de mim e é no reconhecimento desta diferença que se constrói a alteridade. *"O que você está fazendo é horrível, mas você pode estar achando lindo!"*

A arte educa. Qual arte educa?

"A arte é educativa. A arte em si mesma é educativa, porque é provocativa, ainda quando não é entendida à primeira vista. A confusão criativa, por si só, estimula a curiosidade, o desenvolvimento e conduz à verdade e à tolerância".
(Rauschenberg)

Observo que as obras de arte que entram nas escolas, com mais frequência, são, geralmente, muito semelhantes, apesar das distâncias geográficas. O Abapuru da Tarsila do Amaral e os Girassóis de Van Gogh estão entre as mais populares. Pergunto-me como acontece esta popularidade. Serão as mais divulgadas nos livros didáticos? Serão as preferidas porque são muito reproduzidas pela mídia? Será que têm a força educativa que anuncia Rauschenberg, porque são provocativas e estimulam a confusão criativa? Será que, depois de tão conhecidas, reproduzidas em xícaras de café e mouses de computador ainda conduzem à tolerância, estimulando respeito à diferença? Ou são simplesmente as que chegam até as escolas? Ou são apenas as que já se tornaram objetos de consumo?

Acredito que o choque provocado por uma obra pode levar à confusão, que pode ser criativa ou não, dependendo do sujeito que recebe o choque. Mas, em se tratando de arte na escola, minha pergunta é outra: qual é a obra de arte que afeta o professor a ponto de levá-la para a sala de aula? Ou a obra de arte entra na escola via material didático sem a participação do professor? Se entrar na escola para causar confusão criativa, para provocar questionamentos, para levar à consciência de que existe um mundo de possibilidades a

serem descobertas, estará cumprindo seu papel. No entanto, o que tenho encontrado é a obra de arte servindo à uniformização do olhar, conduzindo à cópia e à conformidade.

Assistindo o vídeo "Arte e Sonho", um documentário sobre o escultor basco Eduardo Chillida (1999), uma frase sua marcou-me profundamente "A *minha busca era pelo desconhecido*". Acredito que essa seja a missão mais nobre do artista: trazer à luz o desconhecido, ajudando-nos a conhecer o que não existia antes. Ou transformando nossa maneira de ver coisas, que de tão cotidianas, já não as enxergávamos mais. Cezanne foi capaz de renovar o nosso olhar para maçãs que sempre estiveram diante de nossos olhos. E o mundo da pintura nunca mais foi o mesmo depois daquelas maçãs...

Após assistir o vídeo sobre Chillida tive um sonho. Sonhei que estava dando uma aula e dizia para meus alunos: "Como é que vocês querem dar aula de arte a partir do conhecido? Vocês vão levar as crianças para onde? Para que elas repitam o que já é conhecido? Vocês precisam se abrir e abri-las para o desconhecido!"

Recentemente, visitando uma exposição de trabalhos em uma escola, deparei-me com murais repletos de redações de estilos e temas diferentes, ilustradas com desenhos muito interessantes, onde era possível reconhecer cada criança por sua maneira particular de expressão. Chegando ao mural onde estavam expostos os trabalhos de artes visuais, observei a mesma criança que me mostrara com orgulho sua redação, ficar confusa sem saber qual era a sua pintura. Era fácil entender sua confusão: estavam expostas releituras de uma marinha de Pancetti. Todos os trabalhos eram muito semelhantes, sendo impossível reconhecer qual era o de sua autoria. Desenhando o Pancetti já conhecido, não lhe restara trazer à luz nada nova. Nada que pudesse chamar de seu.

O desconhecido é matéria do sonho e matéria da arte.

Nunca é tarde para trazer Paul Klee para o centro da nossa reflexão: a função da *arte não é representar o visível, mas tornar visível o invisível*.

Esta é a arte que educa, aquela que permite ao sujeito inscrever a sua diferença no mundo, retirando *da natureza sua naturalidade* para renová-la.

"Deus deu a forma. Os artistas deformam.
É preciso desformar o mundo:
Tirar da natureza as naturalidades.
Fazer cavalo verde, por exemplo.
Fazer noiva camponesa voar - como em Chagall".
(Manoel de Barros)

Memórias da avó: impressão e expressão

Ser avó é uma das delícias da maturidade.

O tempo da avó é mais dilatado, pois não tem as obrigações da mãe, que precisa alimentar, vestir, levar na escola, ao médico; nem as da professora que precisa se dividir na atenção a 20 ou 30 alunos em cada aula.

Enquanto ouço reclamações sobre as malezas da idade, desfruto as observações dos meus netos.

Estava com minha neta de 6 anos e precisava assistir um pequeno vídeo sobre arte na educação para dar um parecer. Convidei-a a assistir comigo, mas tive o cuidado de explicar que estava em inglês. Ao final dos 3 minutos de vídeo ela me diz:

Vovó, eu entendi que o vídeo estava dizendo que a arte educa as crianças e eu concordo! eu concordo que a arte educa as crianças, porque com tudo que impressiona a gente...a gente faz arte! a gente faz arte com as coisas da natureza, com o mundo da imaginação, com os sonhos...com tudo a gente faz arte!

O que ela me dizia é que as crianças **expressam** aquilo que as **impressiona**.

Caem por terra, assim, todos os planejamentos complicados, com todas as palavras pedagogicamente corretas.

O que ela me ensinava é que precisamos observar atentamente o que impressiona cada criança: na natureza, nas coisas do mundo, seus medos, seus desejos e, então, dar oportunidade para que expressem suas impressões. Mas ouço, também, na sua fala, que precisamos criar experiências impressionantes que alimentem sua imaginação e sirvam de combustível para suas expressões.

Agora eu era o herói

No quintal ou na intimidade de seus quartos, as crianças vivem suas fantasias, criam suas histórias, seus heróis, fadas e bruxas e os seus cavalos até *falam inglês*... Guardam seus segredos e/ou partilham confidências com os amigos. A escola de educação infantil que passou a se ocupar do tempo antes destinado aos quintais, será que preservou espaço para a fantasia que ganhava vida naqueles espaços?

Observando as crianças, que estão indo para a escola cada vez mais cedo, percebo que elas não têm mais um minuto sozinhas. Estão sempre assistidas por um adulto ou conduzidas por um adulto. Crianças, nos grandes centros urbanos, têm agenda de executivo: saem da escola vão para o judô, balé, inglês, natação, etc. E fico me perguntando: qual é o momento sagrado do segredo? Qual é o espaço para a imaginação, quando é o tempo da intimidade? Para podermos estar com o outro, interagir com o outro, é preciso saber quem somos, o que temos para dizer.

Dra Nise da Silveira, a psiquiatra alagoana que criou o Museu do Inconsciente dizia: "O diálogo é estimulante, a solidão também", porque é na solidão que se estabelece o diálogo interior. O ateliê de arte na escola deveria ser o espaço de intimidade, do diálogo interior, da materialização do devaneio, onde é possível dar forma à imaginação e partilha-la.

O ateliê de arte permite a vivência dos *inumeráveis estados do ser... Agora eu era o herói!* Porém, se neste espaço as atividades apenas permitem a reprodução do sonho de outros, que conquista resta ao nosso herói?

"Agora era fatal
Que o faz-de-conta terminasse assim
Pra lá deste quintal
Era uma noite que não tem mais fim
Pois você sumiu no mundo sem me avisar
E agora eu era um louco a perguntar
O que é que a vida vai fazer de mim?"
(Chico Buarque)

Referências

BARROS, M. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

_____. **Memórias Inventadas**: A Terceira Infância. São Paulo: Planeta, 2008.

_____. **Memórias Inventadas**: A infância. São Paulo: Planeta, 2003.

BUARQUE, C.; SIVUCA. João e Maria. In: BUARQUE, C. **Letra e música**. v.1. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CHILLIDA, S. **El Arte y los Sueños**. Documentário. DVD, duración: 54min. Producida por Susana Chillida en colaboración con Canal+ España, 1999.

FRAYZE-PEIREIRA, J. A. A dimensão estética da experiência do outro. **ProPosições**.

Campinas, v.15, n.1 (43). p. 19-25. jan./abr., 2004. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2224/43-dossie-pereirajaf.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

HOLM, A. M. **Fazer e Pensar Arte**. São Paulo: av form/Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2005.

KLEE, P. **Sobre a arte moderna e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

KLEE, P. **Diários**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

RAUSCHENBERG OVERSEAS CULTURE INTERCHANGE (ROCI). (published in conjunction with the exhibition ROCI, National Gallery of Art, Washington, DC)- Munich: Prestel, 1991.

SILVEIRA, N. **Imagens do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Editorial Alhambra, 1982.

SILVEIRA, N. **Vida e Obra**. Disponível em: <<http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/frases.php>>. Acesso em: 02 maio. 2018.

ⁱ Ana Angélica Albano é professora Livre Docente da Faculdade de Educação da UNICAMP e professora convidada da Facultad de Educación da Universidad de Cantabria, Santander, Espanha. Doutora e mestre em Psicologia pelo IPUSP, licenciada em Desenho e Plástica pela FAAP. Foi diretora do Museu de Artes Visuais da Unicamp. Autora dos livros: "O espaço do desenho: a educação do educador" e "Tuneu, Tarsila e outros mestres... o aprendizado da arte como rito de iniciação".

Como citar esse artigo:

ALBANO, Ana Angélica. Agora eu era o herói: imaginação e expressão artística na primeira infância. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 11, n. 2, p. 09-19, mai./ago. 2018.